



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal Do Paraná
Campus Foz do Iguaçu



VANESSA VOIDGINSKI

**APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DO 3º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

MEDIANEIRA

2013

VANESSA VOIDGINSKI



**APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DO 3º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

Orientador (a): Prof. Lucas Schenoveber dos Santos Junior

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Por

Vanessa Voidginski

Esta monografia foi apresentada às 09:50 h do dia 29 de março de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof. Lucas Schenoveber dos Santos Junior
UTFPR – Campus Medianeira
(orientador)

Prof^a Dra. Maria de Fátima Menegazzo Nicodem
UTFPR – Campus Medianeira

Prof. Nelson dos Santos
UTFPR – Campus Medianeira

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que é essencial na minha vida, por ter me iluminado nesta caminhada. Dedico também a meu amado esposo Fabiano Rissatti de Oliveira e minha filha Amanda Nicole Voidginski de Oliveira pelo apoio, incentivo, força, paciência, carinho e compreensão nos momentos de dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Lucas Schenoveber dos Santos Junior, que foi fundamental na realização deste trabalho. A professora coordenadora do curso, Ivone Carletto de Lima, pelo apoio. Agradeço a todos que fizeram parte desta realização. Que Deus derrame suas bênçãos sobre cada um. A todos vocês o meu muito obrigado.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. (CORA CORALINA).

RESUMO

As dificuldades de aprendizagem geralmente são identificadas quando o pequeno educando ingressa no ensino formal, no momento em que deverá apropriar-se de saberes científicos dos quais antes não precisava. Dessa forma, na medida em que não consegue entender e assimilar os conteúdos mediados pelo professor, geralmente não alcança a média mínima esperada para progredir de série, podendo vivenciar situações contínuas de reprovação e inclusive abandonar a escola caso não tenha acesso a um Atendimento Educacional Especializado (AEE). Nesse sentido, quando se analisa o processo de alfabetização e as dificuldades de aprendizagem que impedem a criança de se apropriar dos saberes necessários para a leitura e a escrita verifica-se que caso não vivencie um processo de intervenção específico às suas necessidades, não terá condições para dar continuidade aos seus estudos. Devido a este contexto, esta pesquisa tem como objetivo geral a necessidade de entender o que são dificuldades de aprendizagem e como se refletem no desenvolvimento de alunos que vivenciam o processo de alfabetização de forma mais aprofundada, uma vez que tais saberes são indispensáveis para a atuação docente. Como metodologia foram realizadas diversas pesquisas bibliográficas que contribuíram para o entendimento da temática proposta e de campo onde foram analisadas as dificuldades de uma turma de educandos matriculados no 3º ano do ensino fundamental I de uma escola pública Iguazuense.

Palavras – chave: Dificuldades de aprendizagem. Alfabetização. Leitura e escrita.

ABSTRACT

Learning disabilities are usually identified when the student starts formal education and is expected to be author of his/her own knowledge acquisition. Thus, insofar as it fails to understand and assimilate the contents mediated by the teacher usually does not reach the minimum average expected to progress to further series, and may experience continuous disapproval and even quit school when Specialized Educational Services (ESA) are not offered. When analyzing the process of literacy and learning difficulties that hinder the child to appropriate the knowledge necessary for reading and writing it appears that the case not to experience a process of intervention specific to their needs , will not be able to continue their studies . Due to this context, this study aims to describe the need of understanding what learning disabilities are and how they reflect on the development of students who experience the literacy process in more depth, since such knowledge is essential to the performance teaching. As a research methodology, specific material was used in order to understand the proposed theme: learning difficulties. Als, the research was carried out on a 3rd grade of elementary school of the Public Education of Foz do Iguacu.

Keywords: Learning Difficulties .Literacy. Reading and writing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 ASPECTOS GERAIS DA APRENDIZAGEM.....	12
2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	16
2.3 APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E DIFICULDADES	23
2.4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DISLEXIA	27
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	32
3.1 LOCAL DA PESQUISA	33
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	33
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	33
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	34
3.5 COLETA DOS DADOS.....	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1 INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem são comuns no ambiente escolar uma vez que os alunos precisam se apropriar cotidianamente de um grande conjunto de conhecimentos determinados pelo currículo e que são considerados essenciais para sua formação, devendo ao final do bimestre ter se apropriado de no mínimo 60% dos conteúdos mediados pelo professor.

Na medida em que apresenta algum tipo de limitação que não lhe permite entender as mediações promovidas pelo educador, terá grandes problemas uma vez que todo o processo educacional é regido por testes que constata se conseguiu ou não efetivar sua aprendizagem. Caso não tenha aprendido, estará fadado à reprovação e ao fracasso escolar que, geralmente, culmina no abandono da escola sem que tenha concluído ao menos ensino fundamental e/ou médio.

Em virtude deste contexto, o problema que direcionou esta pesquisa buscou evidenciar como as dificuldades de aprendizagem se refletem no processo de alfabetização. Para isto, delineou-se como objetivo geral a necessidade de entender quais são as dificuldades de aprendizagem existentes e como se refletem no desenvolvimento de alunos que vivenciam o processo de alfabetização.

Como objetivos específicos ressaltam-se: analisar em que consistem as dificuldades de aprendizagem, entender seus reflexos na leitura e na escrita; destacar o papel do professor diante de alunos com estas dificuldades; citar a dislexia como exemplo de dificuldade de aprendizagem que atrapalha de forma significativa o processo de alfabetização.

A justificativa para a escolha deste tema deve-se ao fato de que o sucesso das práticas de alfabetização decorre da possibilidade do aluno assimilar os conhecimentos científicos contemplados pelo currículo escolar, entretanto, caso apresente dificuldades significativas, tais aprendizagens não se consolidarão e o aluno poderá sofrer grandes perdas em relação aos colegas.

Por isso, é preponderante que o professor conheça as dificuldades de aprendizagem que podem limitar o desenvolvimento intelectual dos educandos e, se necessário, encaminhá-los para profissionais que possam oferecer ajuda especializada.

A metodologia escolhida para a elaboração desta monografia fundamentou-se em pesquisas bibliográficas capazes de relatar o que distintos autores que já analisaram sobre esta temática bem como os reflexos trazidos pelas dificuldades de aprendizagem ao longo do processo de alfabetização e, sobretudo, as possibilidades para reduzi-las.

De forma complementar foi realizada uma pesquisa de campo com alunos matriculados no 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada nesta cidade, uma vez que apresentam inúmeras dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente precisam contar com professores capazes de redirecionar o processo de ensino e aprendizagem auxiliando-os a superar ou reduzir suas limitações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS GERAIS DA APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um processo natural no qual a criança ou adulto, independente de sua faixa etária e conhecimentos prévios, se apropria intelectualmente de determinados conceitos entendendo a fundo seus significados, importância, contexto histórico em que foi criado, bem como seus reflexos no cotidiano em que está inserido.

O aprendizado constitui o principal objetivo dos educadores na medida em que direcionam o processo de ensino e aprendizagem de uma determinada área do conhecimento, contemplando os conteúdos determinados pelo currículo escolar a partir de metodologias diversificadas. Para isto, estes profissionais executam o processo de avaliação que permitem acompanhar a consolidação dos saberes esperados e aqueles que realmente o aluno conseguiu construir no decorrer de cada bimestre.

Buscando ampliar as concepções teóricas capazes de definir a aprendizagem, Oliveira e Chadwich (2002, p.21) afirmam que este processo ocorre de forma:

[...] natural que surge na curiosidade das pessoas. Favorecida por um ambiente positivo, a aprendizagem desenvolve-se quando o que se está aprendendo adquire significado, relevância e boa estrutura. A função principal da escola e do professor é criar esse ambiente adequado e propício para que o aluno aprenda.

A construção natural deste processo de aprendizagem ocorre de maneira facilitada na medida em que são estabelecidos vínculos afetivos entre professor e aluno, havendo uma relação de confiança e apoio, de modo que este último esteja disposto a interiorizar os conteúdos mediados, diversificar suas concepções e atribuir novos significados ao conhecimento científico que está tendo acesso.

Moreira (2007, p.36) descreve o ambiente escolar, como sendo um local:

[...] previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das

interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente.

Portanto, neste ambiente e a partir do contato com o professor enquanto profissional especializado para o direcionamento do processo educacional, o aluno terá a possibilidade de ampliar suas aprendizagens e conseqüentemente refinar sua estrutura intelectual, uma vez, que se apropria de conhecimentos científicos antes desconhecidos.

Para Sisto (1996, p.17) este desenvolvimento intelectual pode ser compreendido como:

[...] uma adaptação ao meio ambiente, e para ocorrer necessita primeiramente de uma manipulação adequada pelo indivíduo, dos objetos que se situam ao seu redor. Quando uma criança percebe os estímulos do meio, valendo-se de seus sentimentos, e quando age sobre os objetos que o compõem esta ampliando e desenvolvendo suas funções intelectuais.

A aprendizagem permite a elaboração cada vez mais complexa do pensamento e da inteligência humana, permitindo a construção de saberes indispensáveis para a vida em sociedade, para o trabalho, exercício da cidadania, estabelecimento de relações, comunicação dentre outras habilidades que correspondem às necessidades geradas pela sociedade na qual o indivíduo está inserido.

Quando se busca entender as nuances e processos que permitem a construção da aprendizagem, Perraudeau (2009, p.13) cita dois aspectos primordiais:

- Uma primeira acepção remete ao condicionamento e aos automatismos, tendendo a validar a ideia de uma aprendizagem que dispensa a compreensão. Como ilustração, pensemos no bebê que aprende a caminhar sem compreender as múltiplas relações entre os sistemas nervoso e o muscular, que lhe permitem ficar em pé e avançar.
- Uma segunda definição implica a consciência daquele que se envolve na aprendizagem. Aprender a resolver problemas não pode reduzir a aquisição de um algoritmo de resolução que seria identicamente transferível a qualquer nova situação, mas exige que o aluno mobilize uma compreensão fina em diferentes áreas: matemática, linguagem, lógica, cognitiva, social, etc.

Assim, no que diz respeito ao ambiente escolar, evidencia-se que é indispensável para que o aluno tenha contato com os saberes científicos produzidos ao longo da história, identificando-os ao longo da evolução das distintas sociedades e como reflexo disso, se refletem diretamente em seu cotidiano, nos bens que tem acesso, nas organizações sociais, política, economia, cultura, entre outros.

Os fundamentos teóricos publicados por Luckesi (1994) permitem evidenciar que aprender se constitui em um ato de conhecimento da realidade concreta, portanto, da situação real vivida pelo educando. Portanto, a aprendizagem não deve ser uma mera imposição pautada em processo de memorização, mas na elevação contínua do nível crítico do conhecimento científico baseado em processos contínuos de pesquisa, análise, comparação de ideias, compreensão, reflexão e crítica.

A aprendizagem precisa estar fundamentada em processos que estimulem a curiosidade e o desejo de apropriar de novos conceitos, podendo ser direcionada por abordagens mais estimulantes do que apenas a exposição oral realizada comumente pelo professor. Como exemplo disso, cita-se a inserção de recursos audiovisuais como filmes, vídeos, músicas e, de forma complementar as exposições orais e atividades diversas. O professor precisa atuar de forma crítica encontrando os métodos que possam demonstrar ao aluno como o saber científico analisado se reflete e/ou é empregado em sua realidade.

Para isto, necessitará analisar o cotidiano dos educandos com os quais tem contato para a partir disso, delinear os processos que envolvem a aprendizagem e o ensino, permitindo a construção de um conhecimento científico qualitativo e capaz de promover modificações dos conhecimentos prévios e do senso comum que permeavam o cotidiano do aluno antes das intervenções do professor.

Corroborando com esta linha de análise e com os direcionamentos da aprendizagem construídos na escola, Jardim (2001, p.147) pondera:

Sabe-se que para se aprender são necessários um “ensinante” e um “aprendente” que interagem. Entretanto, essa regra não é lembrada quando se trata de fracasso na aprendizagem, pois só o aluno é observado nesse processo, não sendo levantada a hipótese de o Sistema de Ensino (professores e coordenadores) e familiar participarem desse fracasso ou produzir sintomas culturais que venham a gerá-lo.

Dessa forma, ao mediar tais saberes empregando metodologias, recursos materiais e didáticos distintos, o professor acaba criando um ambiente rico em estímulos e favoráveis para a aprendizagem, permitindo que o educando gradualmente se aproprie dos conhecimentos considerados indispensáveis para a sua formação, ampliando sua inteligência e possibilidades de atuar mais criticamente sobre a sociedade em que está inserido enquanto cidadão dotado de direitos e deveres.

Em virtude da grande importância da atuação docente e a forma como interagem com seus alunos levou Pimenta (2002, p.15) a concluir que:

[...] o método de ensino ou o ato de ensinar tem especificidade própria e não comporta modelos preestabelecidos com etapas a serem seguidas. Ademais, por sua complexidade e temporalidade, exige um processo de reflexão sistemática e, portanto, de pesquisa por parte daqueles que pretendem efetivá-lo com competência e seriedade.

As abordagens realizadas pelo professor precisam atuar motivando e estimulando os alunos para que percebam a importância de um determinado conteúdo curriculares previsto a série em que estão matriculados. A partir disso, o educando poderá se dedicar para superar as dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem e, como resultado ampliar sua inteligência pela construção do domínio teórico-prático dos conteúdos mediados pelo professor.

Para Perraudeau (2009, p.12):

[...] o termo aprendizagem refere-se, atualmente tanto ao campo escolar quanto as práticas profissionais que deixam um amplo lugar para as aquisições técnicas mais frequentemente transmitidas pelos pares. As duas áreas permanecem de certa forma separadas, com graus de reconhecimento bem diferentes. O vocábulo contemporâneo veicula essa distinção: *apprenti* (aprendiz), apesar da proximidade, não designa a mesma pessoa que a palavra *apprenant* (aluno).

Para potencializar a aprendizagem de seus alunos é essencial que, primeiramente o professor esteja bem qualificado, mantenha um posicionamento moral e ético diante do trabalho que realiza e da necessidade de encontrar distintos métodos capazes de facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento de seus alunos.

Assim, o planejamento e a observação das características facilitadoras da aprendizagem dos alunos constituem-se em ferramentas indispensáveis para que o professor consiga direcionar sua atuação e, sempre que necessário rever os processos de ensino empregados que permitem o alcance de resultados esperados e, que se adequam a idade e a série dos educandos.

A análise dos autores mencionados anteriormente permite evidenciar que a aprendizagem ocorre forma natural em todos os indivíduos, entretanto, na escola se mostra maissistemizada, poisos professores precisam encontrar métodos que permitam aos alunos se apropriarem de forma contínua dos saberes científicos que ensina e, que emergem determinados pelo currículo escolar.

Entretanto, diante do fato de que nem todos os educandos conseguem se desenvolver da mesma forma e, que uns apresentam mais dificuldades que os outros, é possível evidenciar a necessidade de identificar os fatores que podem condicionar a ocorrência das dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil, contexto que permitiu o desenvolvimento das análises posteriores.

2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ao ingressar na educação formal, a criança mesmo que esteja em seus primeiros anos de vida, estará em um processo de mudança conduzido pelo professor e por sua pré-disposição para realizar as atividades direcionadas no ambiente escolar e, que lhe permitirá agregar a sua formação novos conhecimentos teóricos e práticos.

Neste sentido, a instituição educacional de acordo com Queiroz (2013, p.17) a deve:

[...] ser sinônimo de situação de aprendizagem e desenvolvimento. Isto porque situ (remete a lugar/espaco) + ação (refere-se a tempo/movimento) significa mudança/transformação. A instituição tem a função social de proporcionar o incremento do capital cultural do bebê e da criança pequena, trazendo o novo, o instigante, o desafio em seu processo de humanização.

Neste ambiente, em contato com um adulto mais experiente, que organiza o espaço da sala de aula, dispõe os recursos didáticos disponíveis, utiliza o brinquedo

e o brincar para estimular a criança, gradativamente conseguirá se apropriar de valores culturais construídos pela sociedade na qual participa.

Ao serem delineados os processos de ensino e aprendizagem da criança, Brasil (2006) destaca a necessidade de serem construídas propostas pedagógicas específicas a Educação Infantil marcadas por princípios éticos, que lhe permitam a construção de saberes, conhecimentos e princípios como a autonomia, responsabilidade, respeito, organização dentre outros considerados primordiais para a vida em sociedade.

A necessidade de conceituar os fatores que podem se refletir sobre o desempenho educacional infantil, levou Pamplona (2002, p.64) a destacar:

Os fatores que podem levar ao fracasso (ou sucesso) escolar podem ser divididos em: psicológicos, pedagógicos, neurológicos, oftalmológicos, audiológicos, culturais, econômicos, fonoaudiológicos, biológicos, e linguísticos, fatores esses que possibilitam uma visão ampla e total do ser humano, a partir de aspectos individuais, isto é, subjetivos articulados com fatores contextuais, objetivos.

Diante das dificuldades que alguns alunos apresentam na alfabetização verifica-se que o professor tem o dever de auxiliá-los adequadamente, delineando os métodos necessários para reduzir as dificuldades enfrentadas e, principalmente os caminhos que precisarão percorrer para superá-las.

Entretanto, há de se destacar que nem todas as crianças evoluem de forma sistematizada e ao mesmo ritmo, embora as primeiras dificuldades de aprendizagem geralmente são evidenciadas com o início do processo educacional na medida em que apresentam limitações para concretizar tarefas relativas à interpretação, assimilação e representação dos conceitos mediados pelo professor.

Inicialmente o profissional precisa se utilizar de distintas metodologias de ensino para reduzir ou eliminar as dificuldades inerentes ao seu desenvolvimento intelectual, entretanto, torna-se propício mencionar que em alguns casos apenas as intervenções metodológicas e utilização de materiais distintos não são capazes de reduzir as dificuldades e a potencialização do desenvolvimento intelectual esperado.

Assim, é necessário que o professor encaminhe a criança a um profissional especializado capaz de identificar as causas de tais dificuldades que podem ser oriundas de processos orgânicos, psicológicos, sociais, entre outros.

De acordo com Bartholomeu e Sisto (2006, p.139-140) as dificuldades de aprendizagem englobam:

[...] um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestariam em dificuldades em tarefas cognitivas, podendo ocorrer em pessoas normais, sem problemas visuais, auditivos ou motores, além de, aparentemente, estarem relacionados a problemas de comunicação, atenção memória, raciocínio, entre outros, ou se manifestarem concomitantemente a eles. Podem ocorrer ainda dificuldades momentâneas e/ou em áreas específicas, abrangendo várias áreas de conhecimento.

Após a identificação de tais dificuldades é fundamental tenham início processos de intervenção capazes de auxiliar a criança a superar suas limitações, sobretudo, se forem temporárias evitando que apresente problemas de socialização, baixa estima, autoimagem negativa por não conseguir realizar as atividades propostas com a mesma facilidade de seus colegas culminando no abandono e evasão escolar.

Diante das dificuldades que alguns alunos apresentam logo no início do processo de alfabetização verifica-se que o professor tem o dever de auxiliá-los adequadamente a lhes reduzir ou superá-las a partir de métodos de ensino específicos a cada transtorno identificado.

Quando o psicopedagogo ou outro profissional buscado pelos pais consegue identificar o tipo de limitação apresentada pela criança, torna-se possível a formulação e a implementação de processos de ensino que propiciam o alcance de bons resultados e que se refletem em toda a vida acadêmica deste indivíduo.

De forma complementar a este trabalho, Lewis (1993) destaca a importância da ação de equipes multidisciplinares capazes de promoverem conversas com a criança e a família, aconselhamento, realizando uma psicoterapia, consultoria escolar, mudanças ambientais entre outras medidas específicas a cada caso.

No caso do uso de medicação, verifica-se geralmente é ministrada a partir dos 6 anos de idade se houver persistência dos sintomas que inibem sua aprendizagem. Assim cada caso de dificuldade deve ser analisado a fundo para que sejam identificados os fatores condicionantes de sua manifestação e, principalmente como revertê-las a partir da definição das características de cada. Este contexto permite o delineamento de processos de ensino específicos.

Para identificar os tipos de dificuldades de aprendizagem existentes, Fonseca (1995, p.199) elaborou o seguinte quadro:

Dificuldades de aprendizagem primárias (DA-I)	Dificuldades de aprendizagem secundárias (DA-II)
<p>(1) Quando não se identifica uma causa orgânica específica.</p> <p>(2) compreendem perturbações nas aquisições especificamente humanas, isto é, práxicas e simbólicas, como: a linguagem falada (receptiva e expressiva), a linguagem escrita (receptiva e expressiva), e a linguagem quantitativa.</p> <p>(3) o potencial sensorial, intelectual, motor e social está intacto, é, portanto, normal.</p> <p>(4) se há perturbações, elas dependem de alterações mínimas que não são detectados pelos exames médicos (pediátricos, neurológicos, psiquiátricos, etc), psicológicos (clínicos, pedagógicos, etc). tradicionalmente mais utilizados, porque são insuficientes para identificar distúrbios simbólicos e problemas no processo de informação intra e interneurossencial.</p> <p>(5) as aquisições da linguagem falada, da linguagem escrita e da linguagem quantitativa estão primariamente perturbadas.</p>	<p>(1) quando resultam de condições, desordens, limitações ou deficiências devidamente diagnosticadas em: deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência mental, deficiência motora, deficiência emocional ou privação cultural.</p> <p>(2) compreendem perturbações nas aquisições não especificamente humanas. As DA são a consequência secundária de deficiências nervosas, sensoriais, psíquicas ou ambientais.</p> <p>(3) o potencial sensorial, intelectual, motor e social é atípico e desviante.</p> <p>(4) se há perturbações, elas dependem secundariamente de deficiências sensoriais, neurológicas, psíquicas ou ambientais (ou ambientais como, por exemplo: privação cultural, desvantagem, socioeconômica, fatores ecológicos, mal nutrição, envolvimento afetivo, facilidades de estimulação precoce, expectativas, etc.</p> <p>(5) as aquisições da linguagem falada, da linguagem escrita e da linguagem quantitativa estão secundariamente perturbadas.</p>

Tabela 01 Dificuldades de aprendizagem.

Fonte: Fonseca (1995, p.199)

Como pode ser percebido a partir da análise anterior, existem inúmeros fatores e limitações que a criança com dificuldade de aprendizagem pode vivenciar e, caso não tenha Atendimento Educacional Especializado (AEE) poderá estar fadada a reprovação, baixa estima e, conseqüentemente abandono do processo formal de ensino dentre tantas outras limitações.

Sabe-se que os distúrbios de aprendizagem geralmente são identificados no período escolar em virtude da não assimilação dos conteúdos mediados pelo professor e, conseqüentemente a habilidade para desenvolver as atividades propostas, o senso crítico a capacidade de análise, interpretação e correlação das temáticas estudadas.

A redução de tais dificuldades bem como o delineamento de processos de intervenção eficazes, aparecem relacionados a habilidade do professor evidenciar os

alunos que precisam de ajuda especializada e, logo em seguida encaminhar a criança para profissionais especializados em dificuldades de aprendizagem.

No que tange ao processo de alfabetização, nota-se que as dificuldades emergem ainda no decorrer do processo de alfabetização, sendo observados no dia a dia, pois os alunos geralmente apresentam limitações notórias para interpretar textos simples, trocam muitas letras, não pronunciam corretamente as palavras.

As dificuldades na leitura podem ser variadas podendo ser influenciadas por fatores emocionais, como o nascimento de um irmão ou a separação dos pais, impedindo a concentração em qualquer coisa, ou ainda, por fatores biológicos e físicos.

Menciona-se que muitas vezes estas dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem são oriundas da falta de incentivo, apoio e orientação de pais e professores, uma vez que este aluno precisa de ajuda especializada, sobretudo, nos momentos em que está sendo alfabetizado e desenvolvimento as habilidades cognitivas necessárias para a prática da leitura.

Segundo Scoz (1994, p. 22):

[...] os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multimensal, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.

A continuidade das dificuldades apresentada pode acabar frustrando a criança que tende a se sentir inferior a outros colegas com a mesma idade e que apresentam padrões de desenvolvimento superiores. Segundo Piaget, a aprendizagem é um processo de desenvolvimento intelectual, que se dá por meio das estruturas de pensamento e está estritamente relacionada à ação do sujeito sobre o meio, partindo do princípio de interação de Vygotsky e acontece em etapas: assimilação, acomodação e equilíbrio.

Dessa forma, o professor precisa observá-las, analisar o grau de desenvolvimento da criança, promover ações metodológicas diferenciadas e, caso tais ações não surtam o efeito esperado encaminhar a criança para profissionais que possam ofertar um atendimento especializado.

Sendo a escola a principal responsável pelo aprendizado do aluno, é importante o estabelecimento de uma relação de proximidade entre pais, professores e equipe pedagógica para buscar auxiliá-lo a superar ou reduzir suas dificuldades ainda nos primórdios do processo de alfabetização.

De acordo com Grigorenko, Sternemberg (2003, p.29) a:

Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos.

Algumas crianças tendem a ver as palavras como imagens, ver, ouvir e falar de uma forma imperfeita, construindo um contexto capaz de permitir a ocorrência de distúrbios de aprendizagens que afetam diretamente o início do processo de alfabetização uma vez que o aluno precisa aprender a decodificar e a soletrar as palavras.

No processo de alfabetização o desenvolvimento da linguagem é de suma importância, pois é através dela que se desenvolve a escrita, pois como afirma Teixeira(1978), o processo social da leitura e da escrita, encontram-se três dimensões distintas: o simbolismo, estruturação de ideias entre outros. Ele ressalta que a criança precisa aprender a ler, compreender não só palavras, mas o que elas querem nos dizer, qual a mensagem que a palavra passa.

Os educadores passam por grandes desafios pois a aprendizagem é o ponto mais importante na educação das crianças, pois as dificuldades não existem por acaso, mas por uma série de fatores que estão ligados diretamente ligados ao seu cotidiano.

Dentre as distintas causas responsáveis pelas dificuldades de aprendizagens nos primeiros anos do ensino fundamental, Morais (1991) cita os métodos de ensino inadequados e problemas emocionais.

Muitos autores estão estudando sobre as dificuldades de alfabetização, que podem levar ao fracasso escolar como afirma Moojen (1999, pg. 105):

Ao lado do pequeno grupo de pessoas que apresentam transtornos de aprendizagem decorrente de imaturidade do desenvolvimento e/ou disfunção psiconeurológica, existe um grupo muito maior de pessoas que apresenta baixo rendimento escolar em decorrência de

fatores isolados ou em interação. As alterações apresentadas por esse contingente maior de alunos poderiam ser designadas como “dificuldades de aprendizagem”.

É comum que muitos dos alunos se sintam constrangidos ao fazerem uma leitura em sala por não saberem ler e acabam cada vez mais se retraindo, não participando das aulas ficando isolados do grupo. Nesse sentido, o professor precisa identificar as suas dificuldades e, procurar auxiliá-los a lhes reduzir e, não os expor diante dos demais colegas de classe.

De acordo com Correia (1991) as dificuldades de aprendizagem específicas significam perturbações dos processos psicológicos básicos desenvolvidos na compreensão ou na utilização da linguagem escrita ou falada, que pode se manifestar na forma de escutar, falar, fazer cálculos, e ainda podem ocorrer lesões cerebrais, afasia, dislexia entre outros.

Neste sentido, Elias (2000, p.198), afirma que o professor precisa:

Conhecer o seu aluno e valorizar as habilidades que ele possui criando oportunidades para que ele possa desenvolvê-las e potencializá-las. Influenciando muito no que o aluno irá aprender, o aluno não é passivo, mero receptor, mas está em constante atividade, tudo quer conhecer cabendo à escola não anular esta vivacidade e esse interesse com imposições e, sim, ativá-los constantemente.

A atuação do professor diante das dificuldades dos alunos pode contribuir para que se motivem a superá-las, reduzi-las ou ainda para contribuir para abandone definitivamente o ambiente escolar. Por outro lado, é importante lembrar que a família é a parte mais importante para auxiliar o indivíduo a superar suas dificuldades e construir um bom aprendizado dos alunos.

Segundo Freire (2003), o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Essa leitura do espaço pedagógico pressupõe também uma releitura da questão das dificuldades de aprendizagem. Tendo a escola o seu principal papel de levar os alunos a superarem suas dificuldades fazendo com que eles possam pensar, buscar informações, pesquisar, se tornar um aluno crítico, proporcionando ao aluno que ele mesmo busque o conhecimento.

Como pode ser observado, são vários os fatores que envolvem a dificuldade de aprendizagem e, em muitos casos a própria escola pode levar o aluno ao fracasso devido às condições oferecidas. Paralelamente a isto, destaca-se que a relação mantida entre professor aluno é o fator mais importante para seu sucesso ou fracasso, uma vez que este profissional será o responsável por lhe estimular ou desestimular.

Dependo da forma com direciona o processo de ensino e aprendizagem e, sobretudo, como motiva e se relaciona estabelecendo laços afetivos com seus alunos, mesmo que apresentem grandes limitações certamente se sentirão estimulados a tentar desenvolver suas atividades.

De acordo com Ferreiro e Teberosky(1984), a criança reconstrói a escrita, ou seja, a escrita é algo que já existe na sociedade e que ela precisa compreender. Contudo, a criança não depende apenas de um ensino formal para começar a pensar sobre a escrita.

Em virtude desses fatos apresentados inicialmente, as próximas considerações buscarão descrever como ocorre a aprendizagem no início da alfabetização bem como os transtornos que podem limitá-la.

2.3 APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E DIFICULDADES

No início do processo de alfabetização a criança relaciona a escrita com a realização de desenhos, uma vez que a linguagem é composta por um conjunto de signos com significados que representam a fala e, gradativamente descobre quais as letras deverão utilizar para formar determinadas palavras, números, atribuir significados a histórias etc.

De acordo com Souza et al (2009, p.47):

A alfabetização é um processo indispensável para a apropriação do sistema da escrita, conquista dos princípios alfabéticos, ortográficos que possibilita o aluno ler e escrever com autonomia. A apropriação do sistema de escrita é um processo gradual que demanda, organização por parte do educador, é importante organizar o trabalho tendo em vista que cada um possui um ritmo próprio e, pro isso deverá ser respeitada e estimulada. Atualmente, considera-se que as crianças constroem seu conhecimento a partir das interações que estabelecem com os meios culturais e sociais.

Em virtude disso, Kato (1999, p.25) menciona:

Essa associação que a criança faz entre a escrita e a fala parece levar a criança a não distinguir a leitura da fala, em termos de comportamento, pois somente crianças mais maduras identificam a leitura silenciosa como um ato de ler. Poderíamos dizer que esta é a capacidade para reconhecer a autonomia da escrita.

Dessa forma, no decorrer do processo educacional sempre existirá uma interação contínua entre leitura e escrita de modo que os alunos consigam construir novas aprendizagens e evoluir cognitivamente na medida em que tem contato com os distintos conteúdos mediados pelo professor.

Entre os aspectos negativos vivenciados pela criança com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, Tiba (2002, pg. 186) afirma:

A repetência escolar começa já nas primeiras provas do ano, quando o aluno vai mal em algumas matérias. O importante é recuperar-se quanto antes, sem deixar para a última hora. Se os pais acompanharem o rendimento escolar do filho desde o começo do ano, poderão identificar precocemente essas tendências e, com o apoio dos professores reativar seu interesse por determinada disciplina em que vai mau.

A leitura e a interpretação de textos são habilidades indispensáveis para que qualquer indivíduo consiga apropriar-se de conhecimentos diversos, sejam eles de natureza científica ou provenientes do senso comum. Devido a isto, nas instituições próprias de ensino autorizadas e reconhecidas pelo governo, prioriza-se o desenvolvimento contínuo de saberes relativos a diversas áreas do conhecimento expressos nas distintas disciplinas curriculares.

Desenvolve-se assim, um processo contínuo de ensino e aprendizagem no qual o domínio da leitura vai sendo refinado, pois como lembra Brasil (1998, p.38) este processo compreende:

[...] uma pré-leitura, identificação de informações, articulação de informações internas e externas ao texto, realização e validação de inferências e antecipações, apropriação das características do gênero.

As possibilidades de aprendizagem dos alunos, articuladas com o grau de complexidade do objeto e com o grau de exigências da tarefa proposta, determinam graus de autonomia do sujeito diferentes

em relação à utilização dos diferentes saberes envolvidos nas práticas de linguagem.

A leitura permitirá ao aluno interpretar qualquer texto, de modo que possa evidenciar seus conceitos-chaves e as informações mais importantes, atribuindo significado a cada palavra e também aos conhecimentos daquele que lê determinada informação.

No início da alfabetização, Freire (2003) lembra que as crianças precisam se deparar com a aprendizagem do alfabeto, aprender a realizar a junção de letras, formar palavras e em última instância construir um texto. Esta habilidade é fundamental para seu desenvolvimento tanto em âmbito escolar como no mercado de trabalho, por isso, vai sendo ampliada e reorientada a partir da aprendizagem de gêneros textuais, por exemplo, nas aulas de Língua Portuguesa.

Obviamente a habilidade para que sejam realizadas leituras cujas mensagens sejam totalmente entendidas demora certo tempo para ser construída, exige dedicação, leituras contínuas, ampliação do vocabulário para que as palavras e seus significados sejam dominados.

Em virtude disso, o leitor competente com o passar do tempo, como lembra Brasil (1998, p.70) além de entender as mensagens principais, será capaz de identificar “a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos”.

Como um método possível para o desenvolvimento do hábito da leitura, observa-se no documento publicado por Brasil (1998, p.71) o seguinte fragmento textual:

Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural; da leitura circunscrita à experiência possível ao aluno naquele momento, para a leitura mais histórica por meio da incorporação de outros elementos, que o aluno venha a descobrir ou perceber com a mediação do professor ou de outro leitor; da leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura.

A leitura de pequenos textos, contos, histórias em quadrinhos, livros, artigos de jornais e revistas, são algumas possibilidades que o professor tem para incentivar o interesse pela leitura.

O aluno que lê, de acordo com Soares (2010) tende a apresentar melhores resultados na escola, uma vez que amplia sua possibilidade de interpretação e análise fundamentais para o entendimento e realização de qualquer atividade proposta independente da disciplina e dos conteúdos que está aprendendo.

A responsabilidade de formar alunos que capazes de desenvolver o hábito da leitura que sejam autônomos e críticos, de acordo com Freire (1989), é cada vez mais difícil em meio a uma sociedade que apresenta inúmeros recursos para a distração e que atuam em detrimento de uma boa escrita, como por exemplo, as redes sociais onde é comum a abreviação de palavras, predominando uma linguagem totalmente informal.

Corroborando com esta discussão, Brasil (1998, p.71-72) salienta:

Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura. A seguir encontram-se apresentadas algumas dessas condições. A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros. É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos.

A leitura, como lembra Freire (2003) deve fazer parte do cotidiano dos alunos, ao longo de todo o ano letivo, por isso, é fundamental que o professor organize momentos de leitura livre, para os alunos e para si mesmo, criando uma rotina capaz de lhes permitir a possibilidade de realizarem trocas, discussões sobre os textos e histórias, onde uns possam aprender com os outros.

As atividades de leitura devem ser vistas com o mesmo grau de importância que as demais, fazendo parte do processo avaliativo e do crescimento pessoal e intelectual do educando que precisa contar com momentos de dedicação tanto na escola quanto em sua casa.

Diante disso, as discussões posteriores almejam definir a dislexia enquanto elemento que amplia as dificuldades de aprendizagem dos alunos matriculados no ensino fundamental, bem como a atuação do professor para auxiliar o educando a superá-la.

2.4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DISLEXIA

O ensino e as práticas didáticas que irão permitir ao educando com dificuldades aprender a ler, escrever e se expressar de forma que não se sinta excluído e descriminalizado, parte principalmente do conhecimento do educador e da forma em que irá trabalhar as necessidades especiais apresentadas.

Buscando identificar as características dos alunos que possuem dificuldades de aprendizagem, Carvalho (2000, p.70) destaca que:

[...] que mesmo não sendo portadores de deficiência (mental, auditiva, visual, física, múltipla) ou de condutas típicas de síndromes neurológicas, psiquiátricas ou de quadros psicológicos graves, apresentam problemas em aprender e contribuem para aumentar o fracasso escolar. Assim é porque as escolas ainda não oferecem as respostas educativas que atendam as necessidades básicas para a aprendizagem desse alunado, sendo inúmeras as barreiras nesse sentido.

Pensar em respostas educativas da escola é pensar em sua responsabilidade para garantir o processo de aprendizagem para todos os alunos, respeitando-os em suas múltiplas diferenças.

Em virtude disso, pode ser mencionado que o nível de dificuldade varia muito de um indivíduo para outro, assim como os consequentes sintomas que não são todos evidentes em uma criança só. Em algumas, predominam dificuldades de soletração, em outras na compreensão dos textos ou na escrita, com inversões de letras e números.

Silva (2009, p.47) destaca que as causas para as dificuldades inerentes a leitura e a escrita:

São distintas as causas que geram no educando a dificuldade de ler e escrever durante seu processo de alfabetização. As causas podem assim ser citadas: déficit perceptual, déficit linguístico, dislexia, disgrafia, disortografia, dislalia dentre outras. Muitos estudos indicam que os processos utilizados pelas crianças quando leem e escrevem não são os mesmos, pois há uma complexidade que podem determinar essas dificuldades uma vez que cada pessoa tem suas

particularidades e anseios que determinam sua forma de aprender. A compreensão da leitura abrange aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, culturais, econômicos e políticos. É a correlação entre os sons e os sinais gráficos através da discriminação do código e a compreensão da ideia. A leitura é um processo advindo em longo prazo e em determinados momentos da vida cotidiana que determinam a aprendizagem e a não aprendizagem.

Concomitante a isto, Nunes (2001, p.75) enfatiza:

A relação entre leitura e escrita não é uma simples questão de passar de som para letra na escrita e inverter esse processo, passando de letra para som na leitura. Dois tipos de estudo indicam a existência de diferenças entre leitura escrita: os estudos que analisam as discrepâncias entre leitura e escrita nas mesmas crianças e os que analisam as interferências com a execução dessas habilidades.

A aprendizagem da leitura e da escrita exige do docente competência e habilidades para direcionar o processo de ensino considerando as limitações de seus alunos e os processos de intervenção a serem adotados, sendo atribuídas distintas responsabilidades tanto para o professor quanto para o aluno, que por sua vez, deverão estar inseridos em ambientes ricos em estímulos.

As crianças com dificuldades de aprendizagem relativas a leitura e a escrita de acordo com Silva (2009, p.50) vivenciam implicações de:

[...] de longo alcance. O estabelecimento de uma definição legal em termos educacionais faz com que seja necessário que os administradores escolares, ofereçam programas de educação especial, que as comunidades considerem os recursos financeiros exigidos, que as universidades desenvolvam programas de treinamento, e que os órgãos estaduais de ensino público introduzam padrões de formação de professores. Essa maior tomada de consciência também requer que vários profissionais combinem esforços para continuar expandindo os serviços de diagnóstico e de terapia.

Dessa forma, para que sejam reduzidos os índices de fracasso escolar que se refletem na Educação Infantil e também nos demais níveis educacionais e não somente devido às dificuldades de aprendizagem é fundamental que os professores estejam qualificados para evidenciar tais limitações do aluno e, principalmente encaminhá-lo para que possa Atendimento Educacional Especializado (AEE)

desenvolvido em salas de recursos uma vez que possui uma necessidade especial e precisa desse atendimento específico que é oferecido gratuitamente em diversas escolas públicas do Paraná.

Além disto, Silva (2009, p.51) destaca que entre os processos que devem ser oferecidos para auxiliar a criança encontram-se:

Os serviços de orientação destinados somente a ajudar essas crianças a aprenderem a viver com os seus problemas também são inadequados. Embora certas crianças exijam auxílio para lidar com a frustração que acompanham o constante fracasso, elas necessitam, com urgência, de um programa educacional positivo que objetive superar o distúrbio de aprendizagem. De modo semelhante, é um erro supor que só os programas típicos de instrução individual solucionem o problema. Embora um professor com capacidade de intuição possa ser capaz de compreender e ajudar a criança, o programa terapêutico precisa ser mais abrangente. A fim de aprender até sua capacidade máxima, uma criança com um distúrbio de aprendizagem precisa submeter-se a um programa de Educação Especial abrangente. A sociedade precisa dos recursos únicos de sua mente, e para que sejam atingidos os benefícios máximos é preciso que os esforços sejam aplicados tão cedo quanto possível.

Paralelamente os professores precisam reavaliar a eficácia dos métodos e recursos utilizados no decorrer das práticas de ensino/aprendizagem, revendo sua capacitação, e, principalmente o emprego de metodologias capazes de instigar o desenvolvimento integral de todos, com dificuldades de aprendizagem ou não.

No que tange especificamente a dislexia que também é uma dificuldade de aprendizagem, Luczynski (2002) descreve sua origem como proveniente da contração das palavras gregas: dis= difícil, prejudicada, e lexis= palavra.

Em virtude disso, se torna evidente que dislexia enquanto dificuldade de aprendizagem, se reflete na área da leitura, escrita e soletração ou uma combinação de duas ou três destas dificuldades; na Linguagem Expressiva ou Receptiva; em Razão e Cálculos Matemáticos e ainda na Linguagem Corporal e Social. (LUCZYNSKI, 2002)

Segundo os estudos de Assencio-Ferreira (2005, p.37) tais limitações influenciam ainda:

[...] outros aspectos neurológicos como sensibilidade, movimento, interesse, inteligência, acuidade visual e auditiva, da criança disléxica costumam ser normais, e que suas dificuldades na linguagem refletidas na leitura não são causadas por uma baixa de inteligência,

mas sim por uma lacuna inesperada entre a habilidade de aprendizagem e o sucesso escolar, sendo que o problema não é comportamental, psicológico, de motivação ou social.

Adislexia, assim, como outras dificuldades de aprendizagem, geralmente é percebida quando a criança é matriculada nos primeiros anos da Educação Infantil e, principalmente no ensino fundamental uma vez que passa a ser avaliada e, precisa alcançar uma média pré-estabelecida para que consiga avançar de uma série a outra.

Esta dificuldade de aprendizagem causa grandes prejuízos a aprendizagem da criança na medida em que o professor inicia a alfabetização bem como o ensino que permitirá se apropriar dos códigos simbólicos inerentes a leitura e da escrita.

Em virtude de suas necessidades especiais, a criança vivencia processos distintos que dificultam seu desenvolvimento e o domínio dos saberes mediados pelo professor, pois não consegue acompanhar a evolução da turma, acaba obtendo notas baixas e em casos extremos a reprovação, uma vez que não atingiu a média necessária para progredir.

Dentre as causas da dislexia, Kirk (1996, p.407) descreve que podem ser decorrentes, de “fatores genéticos, lesão cerebral, fatores bioquímicos e/ou privação ambiental e má nutrição”, que por sua vez dificultarão a aprendizagem da leitura escrita, habilidade para realizar cálculos bem como aquisição de outros saberes mediados pelo professor.

Em virtude disso é preponderante que a criança disléxica conte com um Atendimento Educacional Especializado (AEE) que contenha propostas metodológicas específicas capazes de lhes permitir superar as barreiras que sua própria condição biológica lhe impõe, apropriando-se dos saberes esperados para sua idade e série.

Ao longo do processo de alfabetização o disléxico geralmente apresenta as mesmas dificuldades. Em virtude disso, Cuba (1996) as sistematizou da seguinte maneira:

- A acumulação e persistência de seus erros de soletração ao ler e de ortografia ao escrever.
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia: a-o; c-o; e-c; f-t; h-n; i-j; m-n; v-u etc.

- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b-d; b-p; d-b; d-p; d-q; n-u; w-m; a-e.
- Confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e, cujos sons são acusticamente próximos: d-t; j-x; c-g; m-b-p; v-f.
- Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras: me-em; sol-los; som-mos; sal-las; pal-
- Inversão da ordem das sílabas numa palavra. Quanto a espécie de erro, não a temos encontrado. Temos achado apenas inversões que diríamos parciais: areoplano (por aeroplano), Camer por Carmen.
- Leitura e escrita em espelho: so por os, hi. Por ih.
- Substituição de uma palavra por outra de significado aproximado ou metonímica: a roseira era debaixo (por ficada de baixo), soltou o ratinho (por salvou o ratinho)
- Omissão de letras, sílabas ou palavras: giado por guiado; entrado por encontrando; se esprou caprichosas (por se esprou em voltas caprichosas); pagou carro corrida (por pagou o carro e a corrida)
- Adição de letras, sílabas ou palavras: fiaque (por fique), aprendendo (por aprendendo), retarinho (por retalho), monte de que se elevava (por monte que se elevava).
- Repetição de palavras: Alfabeto, Alfabeto é...
- Substituição de uma palavra por outra: Cecília (por Clícia), obrigado (por aborrecido).
- Omissão de uma palavra numa frase quando a criança simplesmente a ignora ou não tenta ler, dizendo que não o sabe fazer, ou hesita por demais na leitura dela, acabando por não ler (a recusa).
- A leitura, dificuldade sempre igual, em decifrar a mesma palavra, como se o esforço anterior não tivesse contribuído para nenhuma facilidade mnésica.

Como visto as dificuldades de assimilação conceituais vivenciadas pelo disléxico são inúmeras uma vez que o universo da leitura e da escrita são novos e exigem da criança uma grande quantidade de conhecimentos. Estes, que precisam se apropriar e que ao mesmo tempo lhe parece algo impossível.

Em meio a tais discussões é propício mencionar que a dislexia é classificada como um distúrbio de aprendizagem comum em ambos os sexos, ou seja, tanto meninos e meninas, sendo identificada já nas primeiras séries do ensino fundamental.

Entre as principais dificuldades apresentadas pela criança disléxica, José e Coelho (2002) destacam:

- Demora a aprender a falar a fazer laço nos sapatos, a reconhecer as horas, a pegar e chutar bola, a pular corda.
- Tem dificuldade para:

- escrever números e letras corretamente;
- ordenar as letras do alfabeto, meses do ano e sílabas de palavras compridas;
- distinguir direita e esquerda.
- Necessita usar blocos, dedos ou anotações para fazer cálculos.
- Apresenta dificuldade incomum para lembrar a tabuada.
- O tempo que leva para fazer as quatro operações aritméticas parece ser mais lento do que se esperava para sua idade.
- Demonstra insegurança e baixa apreciação sobre si mesma.
- Confunde-se às vezes com instruções, números de telefones, lugares, horários e datas.
- Atrapalha-se ao pronunciar palavras longas.
- Tem dificuldade em planejar e fazer redações. (p. 90)

Devido a esse grande número de fatores que limitam a aprendizagem a partir de parâmetros regulares, Luczinski (2002) verifica que o ensino de crianças disléxicas que vivenciam o processo de alfabetização, deve estar apoiado em métodos específicos e do contato com profissionais especializados.

Estes profissionais lhes ensinará a ler e a processar informações com mais eficiência, reduzindo suas dificuldades de aprendizagem em relação a leitura e escrita evitando seu atraso na escola, situações constrangedoras, reprovação e até mesmo a evasão escolar.

Nota-se que a dislexia se configura em uma dificuldade de aprendizagem muito comum no início da alfabetização, entretanto, outras crianças também vivenciam algumas limitações normalmente na medida em que estão se deparando com um contato com a leitura e a escrita.

Diante destas discussões, elaborou-se a pesquisa de campo apresentada a seguir que descreve um caso específico de alunos com dificuldades de aprendizagem matriculados no 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública iguaçuense.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do ensino fundamental I que oferta o ensino regular, tendo turmas de pré-escolar até o 5º ano e ainda, Atendimento Educacional Especializado (AEE) as crianças especiais inclusas ou com transtornos relativos à aprendizagem localizada na cidade de Foz do Iguaçu,Paraná.

Menciona-se ainda, que a autora desta pesquisa é a professora da turma que foi analisada (3º ano), contexto que facilitou o processo de coleta e análise de dados que permitiram evidenciar as dificuldades apresentadas pelos alunos.

3.2 TIPO DE PESQUISA

O desenvolvimento desta análise fundamentou-se inicialmente em pesquisas bibliográficas que permitiram a realização de levantamentos teóricos referentes aos fatores que influenciam a aprendizagem humana. Gil (2008) afirma que este tipo de pesquisa permite o alcance de maior familiaridade do autor com o problema na medida em que é realizada com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos eliminando-se gradativamente os pressupostos teóricos mal produzidos ou redundantes.

Quanto à pesquisa de campo, foi elaborada por meio da aplicação de atividades impressas a uma amostra de alunos escolhidos, com o objetivo de diagnosticar e compreender as dificuldades dos alunos do terceiro ano do ensino fundamental em relação à leitura e a escrita.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Os alunos selecionados para participar dessa pesquisa, foram escolhidos de forma aleatória levando-se em consideração o fato de que apresentam dificuldades de aprendizagem detectadas na série anterior.

Essa turma de terceiro ano do ensino fundamental é composta por 28 alunos com idades entre 07 a 11 anos, destes verifica-se que 4 são atendidos em sala de recursos, 11 alunos frequentam o reforço escolar no contra turno e 8 alunos são repetentes.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram analisados através de uma tabela na qual foram dispostos os resultados das atividades desenvolvidas em sala de aula na primeira semana do mês de novembro do ano de 2013.

O encaminhamento metodológico inicial fundamentou-se em uma atividade com um texto oral necessário para diagnosticar o processo de leitura. Num segundo momento eles produziram um texto, onde foram analisadas a apropriação conceitual teórica e prática da escrita.

3.5 COLETA DOS DADOS

A primeira atividade foi realizada a partir da leitura em voz alta buscando identificar as principais características da aprendizagem interiorizada pelos alunos, evidenciando-se que:

Recusa-se ler em voz alta	Troca palavras ao ler	Tem entonação adequada	Faz uso dos sinais de pontuação na leitura	Faz auto correção ao ler
2	9	3	4	4

Quadro 1 – Resultados obtidos com as atividades de leitura.

Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo estando matriculados no terceiro ano, verificou-se que grande parte dos alunos apresentavam falhas no processo de leitura e interpretação das informações dispostas nos distintos gêneros textuais com os quais tem contato, o que requer um direcionamento mais específico fundamentado no reforço ou no Atendimento Educacional Especializado (AEE) dependendo das características de cada educando.

No que diz respeito à produção de texto através de tirinhas após a análise dos textos verificou-se que:

Escrita alfabética	8
Escrita alfabética com pouco domínio das convenções da escrita	5

Escrita com controle satisfatório das convenções da escrita	4
Escrita com bom controle das convenções da escrita	4
Utilização das regras ortográficas	3
Apropriação do sistema da escrita	3
Faz correspondência que dependem do contexto.	6
Faz segmento de parágrafos	3
Trocam fonemas	6
Fazem uso de sinais de pontuação	9

Quadro 2 – Resultado das atividades de produção de textos escritos.
Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível observar por meio da tabulação dos dados anteriores, os alunos apresentam distintas dificuldades inerentes ao processo de escrita, logo, é fundamental a prática de atividades capazes de reforçar sua aprendizagem no decorrer das aulas regulares e em contraturno.

Dessa forma, é fundamental que o professor consiga identificar o perfil da turma, as maiores dificuldades e, principalmente os métodos que mais motivam estes pequenos alunos delineando um planejamento específico para tentar reduzir suas dificuldades, uma vez que a leitura e a escrita são indispensáveis diante da sociedade configurada nas últimas décadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aprendizagem é uma habilidade comum a todos os indivíduos que se deparam com distintas experiências e saberes ao longo de sua vida, se apropriando de novos valores e conhecimentos de ordem teórica e prática. No ambiente escolar, o professor é o principal responsável pela abordagem dos conhecimentos contemplados pelo currículo escolar delineando o processo de ensino e aprendizagem a ser vivenciado de formas distintas pelos alunos.

Em meio a isto, verifica-se que alguns alunos apresentam uma maior facilidade para o entendimento e sistematização dos saberes abordados pelo professor, entretanto, alguns podem apresentar dificuldades de aprendizagem oriundas de causas físicas, sensoriais, genéticas, socioeconômicas, que se refletem, de forma distinta, em seu desenvolvimento intelectual e aprendizagem.

No que diz respeito às dificuldades de aprendizagem, nota-se que limitam o processo de alfabetização, sobretudo, as habilidades de leitura e escrita, que deverão ser conquistados ao longo das primeiras séries do ensino fundamental. Se estas forem causadas por algum tipo de transtorno relativo a aprendizagem, o aluno precisará do apoio de um profissional habilitado para lhe oferecer um Atendimento Educacional Especializado (AEE) para minimizar suas dificuldades a partir do emprego de metodologias específicas.

Ao evoluir para séries posteriores, verifica-se que o que educando que não possui o hábito da leitura, certamente terá maiores dificuldades do que um leitor, para interpretar texto e ainda para a escrita. No caso dos alunos com dislexia essa dificuldade é acentuada ainda mais por palavras geralmente escritas erradas, pela troca comum de letras, entre outras dificuldades que oscilam de um indivíduo para outro.

Ressalta-se ainda que as dificuldades de aprendizagem podem ser apresentadas por alunos que não possuem necessidades especiais, devido à falta de incentivo dos professores, no limitado tempo em sala de aula e ainda pelos pais não leitores que consideram essa prática desnecessária.

Para reduzir tais déficits no decorrer do ensino fundamental, Soares (2010) menciona que os professores deverão adotar uma posição decisiva na formação de alunos/leitores para que possam responder adequadamente as demandas trazidas pela leitura e seus desafios inerentes à realização de tarefas e atividades variadas.

Por meio da coleta de dados realizada com uma turma de terceiro ano do ensino fundamental I, percebeu-se que dos 28 alunos analisados, 6 alunos tem uma

boa leitura, leem sem dificuldades e respeitando as regras da língua portuguesa. Por outro lado, 22 alunos ainda apresentam algumas dificuldades na leitura: 2 deles se sentem envergonhados ao ler oralmente; 20 deles precisam compreender melhor como acontece o processo de leitura, para que possam desenvolver uma boa leitura.

Quanto à escrita, a produção e a interpretação de textos dos alunos analisados 7 (sete) ainda tem muita dificuldades, trocando fonemas, escrevem com problemas de segmentação de palavra

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto educacional a aprendizagem é o objeto de interesse de todos os profissionais que atuam e organizam o funcionamento das distintas instituições de ensino, sobretudo, dos professores que precisam abordar os conteúdos curriculares e se utilizar de métodos de ensino diversificados para facilitar a aprendizagem de seus alunos.

Ao delimitar seu planejamento e as práticas metodológicas a serem utilizadas para direcionar o processo de alfabetização dos alunos matriculados nas primeiras séries do ensino fundamental, é de grande importância que este profissional considere seus distintos ritmos de desenvolvimento, dificuldades e potenciais estabelecendo um processo de ensino que estimule a todos.

No que diz respeito às dificuldades vivenciadas pelas crianças que estão aprendendo a ler e escrever, é importante mencionar que são comuns uma vez que precisam se adequar as exigências relativas à aprendizagem e a sistematização dos conhecimentos mediados pelo professor.

Por outro lado, é de grande valia que o professor possua conhecimentos científicos e técnicos necessários para identificar se estas dificuldades são comuns ou se são oriundas de algum tipo de transtorno que exige um Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A redução das dificuldades de aprendizagem, como a dislexia, por exemplo, está ligada diretamente a esse atendimento especializado, que é realizado geralmente por psicopedagogos, professores que atuam Educação Especial, psicólogos ou outros profissionais capazes de delinear um processo de intervenção específico.

No que tange as dificuldades de aprendizagem trazidas pela dislexia ao longo do processo de alfabetização, Pennington (1997, p.29) afirma que causa limitações relativas à leitura e soletração, desempenho em matemática, embora seja relativamente melhor do que a escrita, ritmos mais lentos de leitura ou de escrita, inversão de letras e números, problemas na memorização dos fatos matemáticos básicos e erros incomuns em leitura e soletração.

Em virtude de todas essas dificuldades relativas ao processo de aprendizagem, é fundamental que o professor alfabetizador possua os conhecimentos necessários para identificar os fatores que limitam o desenvolvimento de seu aluno, encontre as metodologias de ensino que mais se adequam as suas necessidades e, se estas persistirem que possam realizar o

encaminhamento adequado a profissionais que possam realizar um Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A pesquisa de campo demonstrou que grande parte dos alunos analisados possuem limitações expressivas na leitura e na escrita, devido o fato se depararem com pouco ou nenhum estímulo dos pais, indisciplina, mas, sobretudo, por não serem leitores.

Em virtude disso, sugere-se que as escolas públicas e privadas criem espaços de leitura específicos, recheados de elementos lúdicos e de materiais que estimulem sua interpretação, desejo de conhecer novos mundos trazidos pela leitura, ampliando sua interpretação visual e escrita.

Paralelamente é possível sugerir que os professores tenham uma pequena biblioteca em sala de aula permitindo que os alunos manuseiem os livros de seu interesse ao concluir suas atividades ao invés de ficarem com tempo ocioso em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.** 3 ed. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo as barreiras para aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2000

CORREIA, Luíza Maria; **Dificuldades de Aprendizagem – O que são? Como entendê-las? Biblioteca Digital, Coleção Educação.** Porto: Porto Editora, 1991.

ELIAS, Marcio D.C. **De Emílio a Emília: A trajetória da Alfabetização.** São Paulo: Scipione, 2000

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1984

FONSECA, Vitor da. **Educação Especial; programa de estimulação precoce – uma introdução as idéias de Feurstein.** 2 ed. Porto Alegre Artes Médicas, 1995

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 36 ed. Rio de Janeiro: ED. Paz e Terra, 2003

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GRIGORENKO, Elena L. STERNBERG, Robert J. Crianças Rotuladas. **O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

JARDIM, Wagner R. de Souza. **Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental.** 1. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2002

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KIRK, Salete. **Educação da Criança Excepcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

LEWIS, Melvin. **Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e na adolescência**. Trad. Gabriela Giacomet. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

LUCZINSKI, Zeneida Bittencourt. **Dislexia: você sabe o que é?** Curitiba: Ed. Do Autor, 2002

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, Adelson F. **Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007

MOOJEN, S. **Dificuldades ou transtornos de aprendizagem?** In: Rubinstein, E. (Org.). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

NUNES, Terezinha. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001

OLIVEIRA, João Batista; CHADUWICH, Clifiton. **Aprender e ensinar**. São Paulo: Global, 2002

PAMPLONA, Antonio Manoel Pamplona. **Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: EDICON, 2002

PERRAUDEAU, Michel. **Estratégias de aprendizagem: como acompanhar os alunos na aquisição dos saberes**. Trad. Sandra Loguercio. Porto Alegre: Artmed, 2009

PIMENTA, Saulo G. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes médicas, 2010

SILVA, Carlos. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SISTO, Firmino. **Aprendizagem mudanças cognitivas em crianças**. Riode Janeiro: Vozes, 1996

SOUZA, Elizete Ferreira de *et al.* **As dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização de crianças que não obtiveram êxito na apropriação da leitura e da escrita: um estudo de caso**. Rev. Pedagogia em Ação, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 47-53, abr. 2009.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

QUEIROZ, Agnelo. **Currículo em movimento**. Educação infantil. Secretaria de Educação, 2013

TEIXEIRA, Carlos E. J. **A Ludicidade na Escola**. São Paulo: Loyola, 1995.

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. 165ª edição. São Paulo: Gente, 2002.